Foto Ensaio sobre a fome: Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional (SAN) a partir de fotografia de Lalo de Almeida[1]

Agnes Maria Freitas Amaral[2]
Letícia Buriti de Araujo Fernandes[3]
Nathalia Williany Lopes de Sousa[4]
Roberto Lucas Correia Costa[5]

Universidade Federal da Paraíba

RESUMO

O foto ensaio proposto oferece uma análise fotojornalística sobre o ato de retratar a fome. Para isso, utiliza-se da consideração do impacto visual, reflexivo e sensorial de uma imagem selecionada do fotojornalista Lalo de Almeida, e incorporam-se dois principais pilares de compreensão teórica em torno da fome, engendrando questões de Segurança Alimentar e Nutricional (SAN). Em específico, conforme postulado por Josué de Castro (1972), busca-se entender a história da humanidade que se configura em uma história de luta pela obtenção do alimento diário dentro de casa. O segundo, de acordo com Philip McMichael (2013), será a percepção de que os regimes alimentares e tudo aquilo que englobam encontra-se dentro da história geopolítica de um sistema-mundo com intenção de acumulação – o capitalismo.

PALAVRAS-CHAVE: Foto ensaio; Fome; Segurança Alimentar e Nutricional.

"(...) Não nego meu sangue,
não nego meu nome
Olho para a fome, pergunto o que há?"
(Patativa do Assaré)

Introdução

O presente trabalho explora dois principais pilares de compreensão para propor a análise fotográfica de uma imagem selecionada. O primeiro, conforme postulado por Josué de Castro (1972), será de que a história da humanidade se configura em uma história de luta pela obtenção do alimento diário dentro de casa. O segundo, de acordo com Philip McMichael (2013), será a percepção de que os regimes alimentares e tudo aquilo que englobam encontra-se dentro da história geopolítica de um sistema-mundo com intenção de acumulação – o

---

[1] Trabalho apresentado no GT "Fotografia documental".
[2] Estudante de Graduação no 8° semestre do Curso de Relações Internacionais da UfPB, e-mail: agnesmfamaral@gmail.com
[3] Estudante de Graduação no 7° semestre do Curso de Relações Internacionais da UFPB, e-mail: leticiaburitifernandes@gmail.com
[4] Estudante de Graduação no 7º semestre do Curso de Relações Internacionais da UFPB, e-mail: nathaliawilliany@hotmail.com
[5] Estudante de Graduação no 7° semestre do Curso de Relações Internacionais da UFPB, e-mail: roberto.lucas@academico.ufpb.br

capitalismo. Desse modo, a percepção do tabu da fome como algo somente moral não é suficiente para esclarecer o olhar que se propõe aqui, é essencial, sobretudo, a percepção da fome como um fator consequência do contexto socioeconômico em análise. Nesse sentido, faz-se crucial entender qual o papel do Brasil nesse contexto socioeconômico internacional. Isto, pois, o país foi uma colônia e desde então participa do câmbio internacional de alimentos de maneira bastante particular aos países em desenvolvimento, fato que garante uma prioridade de exportação de alimentos requeridos no âmbito internacional em detrimento da distribuição de alimentos para população brasileira no âmbito doméstico.

Dessa forma, não somente o processo histórico de acumulação do capital e da configuração do sistema internacional se revelam preceptores à observação da foto em foco, mas também como se estrutura no momento as diretrizes político-econômicas brasileiras – tendo em consideração os diversos atores da sociedade, principalmente o atual presidente do Brasil. Por isso, reserva-se uma parte do desenvolvimento do trabalho para pormenorizar essa questão. Outrossim, o contexto específico no qual foi realizada a fotografia é igualmente crucial.

O fotógrafo e o seu papel na sociedade; os símbolos capturados; a falta dos alimentos; e a mulher e crianças que compõem a foto são substanciais à análise, pois ratificam a história sociopolítica que este trabalho relata. Para entendimento dessas especificidades, então, destinou-se a segunda parte do desenvolvimento. Por fim, então, elabora-se o propósito da discussão de segurança alimentar e nutricional por meio da foto escolhida, considerado as contribuições para a escolha da foto em questão e sua a relação das nossas percepções críticas – embasadas pelos distintos teóricos estudados.

Fome no Brasil: milhões de afligidos no celeiro do mundo

A questão da fome no Brasil não é nenhuma novidade e possui suas raízes no período colonial. Desse modo, a fome esteve atrelada à dinâmica econômica da então colônia, a qual serviu como mercado fornecedor de matérias-primas, como o açúcar, o algodão, o ouro e a borracha para a coroa portuguesa. Segundo Silva e Sá (2009), utilizando do escrito por Magalhães

(2004), existiam à época colonial dois padrões de consumo marcadamente distintos: o padrão dos colonizadores europeus e o padrão do povo aqui estabelecido. Assim, enquanto os primeiros importavam as matérias necessárias para manter uma alimentação desejável, a segunda classe ficava à mercê da insegurança alimentar, não possuindo recurso que lhes garantisse alimentos suficientes.

Para além do período imediatamente posterior às invasões, o tempo subsequente também foi marcado pela carestia. De acordo com Magalhães (2004) e Linhares (1979) apud Silva e Sá (2009), a fração de tempo que compreende desde o final do século XVII e início do século XIX foi marcada por 25 anos de pura fome e outros dois terços de dificuldades para garantir alimento suficiente.

Os anos que se seguiram não se destacaram por nenhum enfrentamento especial à fome, levando o Brasil a chegar no século XX, período de intensa transformação do modelo econômico e do salto da urbanização, com um quadro grave de inúmeros casos de doenças relacionadas à insegurança alimentar. Segundo Vasconcelos (2005), o Brasil do período de 1930 a 1963, na iminência da instauração da ditadura militar, era caracterizado pela ocorrência de doenças relacionadas à desnutrição energético-proteica, ainda que o estado varguista tenha se inspirado nos saberes de Josué de Castro para debater a temática.

Sendo assim, o regime militar – que durou de 1964 a 1985 –, apresentou uma crise social de agravamento da desigualdade e da miséria, ainda que tenha registrado bons índices de crescimento econômico, o que resultou, por consequência, em uma acentuação no número de pessoas que passavam fome. Ao fim da ditadura e o início da Nova República, a questão do combate à fome teve seus altos e baixos, sobretudo influenciados pela adoção do neoliberalismo pelos governos de Fernando Collor de Mello e Fernando Henrique Cardoso (PSDB), que, ao promoveram uma reformulação do papel do Estado, esvaziaram os poucos programas governamentais em prol do asseguramento da alimentação (VASCONCELOS, 2005).

Somente a partir de 2001, com o início da articulação da campanha de Luís Inácio Lula da Silva (PT), a fome foi tratada com a seriedade necessária.

Militantes da campanha do petista articulados a setores da sociedade desenvolveram o programa Fome Zero, que em conjunto com o Bolsa Família viria a ser o maior projeto de combate à pobreza e à fome no Brasil. De modo geral, o combate à fome implementado pelo governo de Lula, e continuado pelo governo da ex-presidente Dilma Rousseff, logrou êxito em diminuir entre 2002 e 2013 o percentual de 82% da população brasileira que vivia no cenário de subalimentação.

Além do mais, a Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO), chegou a registrar um índice de pessoas passando fome abaixo de 5% da população brasileira, o que levou a declarar que o Brasil tinha conseguido erradicar a fome entre a sua população (BRASIL, 2014). Apesar dos avanços registrados, os anos recentes mostram uma regressão no cenário da pobreza e da fome no Brasil. De acordo com o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), no período entre 2017 e 2018 o Brasil voltou a registrar índices alarmantes: cerca de 85 milhões de pessoas estavam ou com fome ou com restrição ao acesso de alimentos nutritivos, dentre os quais, em 2018, cerca de 5 milhões passaram ao menos um dia sem um alimento sequer (O GLOBO, 2021).

Esse cenário, contudo, foi ainda mais piorado durante a gestão do presidente Jair Bolsonaro, o qual teve de lidar com a pandemia da COVID-19, decretada em 2020 como calamidade pública. Dados recentes da FAO apontam que no mundo mais de 110 milhões de pessoas ingressaram no bloco de pessoas que passaram fome ou insegurança alimentar no mundo, dentre os quais mais de 14 milhões estão na América Latina e no Caribe (NASCIMENTO, 2021). No Brasil a situação é ainda mais crítica a partir de uma somatória de agravantes: inflação alta, aumento do desemprego e diminuição da renda a partir do fim do auxílio emergencial. Se por um lado a crise sanitária da COVID-19 parece estar chegando ao controle, a crise da fome no Brasil se mostra negligenciada e fora de controle, fazendo os índices do país retrocederem anos, perpetuando um legado de fome presente aqui desde a colônia.

Foto ensaio: Olho para a fome, e pergunto, o que há?

Como objeto de análise para o presente foto ensaio, fora selecionada uma imagem de cunho fotojornalístico, registrada pelo fotógrafo brasileiro Lalo de Almeida, que atua como colaborador em fotografia e videografia para o jornal Folha de S. Paulo e de reportagens para o jornal estadunidense *The New York Times*.

A imagem em questão fora capturada no ano de 2020, no bairro Jardim Papai Noel, na cidade de Guarulhos, extremo sul do estado de São Paulo, e compõe uma série fotográfica feita para o jornal Folha de S. Paulo, tendo sido publicizada pelo fotógrafo Lalo de Almeida com a chamada: “FOME NA PANDEMIA”, por meio de sua conta profissional na plataforma Instagram. Referida série fora realizada durante percurso profissional do fotógrafo por diferentes estados brasileiros. As imagens foram obtidas por meio da precisão documental e da interação entre fotógrafo e retratados, como observa-se o recolhimento de informações obtidas acerca das pessoas expostas, tais como suas nomeações, núcleos familiares, atividades cotidianas e a pauta jornalística: a presença e o impacto da fome em suas vidas.

Figura - FOME NA PANDEMIA

Fonte: Página de Lalo de Almeida no Instagram[6], 2020.

Na prática documental, “O fotógrafo é um ser invisível" (La ciudad de los fotógrafos, 2006) e, ainda que opere enquanto sujeito social, deve ética e objetivamente operacionar o equipamento fotográfico buscando abster-se da

[6] Disponível em < https://www.instagram.com/p/B-mmo9oHrGX/ > Acesso em: 30 set. 2021

inserção de seus posicionamentos e preferências ideológicas, priorizando a fidelidade ao instante, sujeito e tema abordado, a fim de manter a organicidade do registro. Assim, conforme a imagem em questão é fotojornalística e acompanhada de análise descritiva fornecida pelo autor da fotografia, o objeto de análise torna-se informativo, limitada a interferência do fotógrafo no produto final da imagem e permitindo maior contato pragmático entre o registro e o público receptor. Isto é, envolto da análise objetiva, prudente e ética, o registro é efetuado, onde nesse caso, segundo o fotógrafo Lalo:

> Com o fechamento das escolas e creches por causa da pandemia, crianças ficaram sem a merenda, que para muitas delas, é a principal , senão única, refeição do dia. [Na foto 1, em questão] A desempregada Rosângela da Silva,36, com seus filhos Artur,3, e Diogo, 7, ao lado da sua geladeira quase vazia em seu barraco no Jardim Papai Noel, extremo sul de SP. (Lalo de Almeida, em @lalodealmeida no instagram, 2020).

Ainda, na mesma descrição da imagem em questão, e sabendo sua composição dentro da série fotográfica, têm-se a informação das demais fotos que a acompanham:

> Rosângela vende chicletes no sinal com a ajuda dos filhos na Avenida Teotônio Vilela e Ágata, 7, filha de Rosângela revira uma caçamba de lixo. (Lalo de Almeida, em @lalodealmeida no instagram, 2020).

Observa-se que a imagem e sua descrição caminham em direção oposta à “Fantasia liberta de todo laço com o real” (BARBALHO, 2005, p.146), podando as insinuações e suposições analíticas dos receptores da imagem, a partir de um registro cujo sentido se torna prático e informacional, absorto de fantasia. Contudo, quanto ao caráter fotográfico documental, este não exime-se da finalidade de ocasionar um impacto visual e reflexivo.

Portanto, ao encarar a imagem, sem as informações prévias, atenta-se para a forma na qual estão inseridos e posicionados os assuntos da imagem – termo utilizado para identificar a presença e formas de objetos, pessoas, animais ou paisagens que serão a composição capturada. E desse modo, a imagem mostra um ambiente empobrecido que abriga três pessoas, uma mulher e duas crianças. Para além disso, e sabendo que:

> A partir do ato fotográfico, o momento é congelado e podemos criar vários pensamentos e opiniões acerca daquele fragmento visual, exercitando e estimulando o nosso olhar crítico e consequentemente as nossas sensações psíquicas e físicas. (GOUVEIA, 2020).

Têm-se o impacto visual, reflexivo e sensorial de uma imagem que reúne as seguintes informações: dentro de um estreito barraco de lona, que conjuga o que seria uma cozinha e um quarto, sobre uma cama há uma mulher que acolhe uma criança menor em seus braços, enquanto que, ao seu lado, deita-se uma criança maior; todos os olhares dos sujeitos retratados estão fixos. Enquanto que o olhar da criança menor e da mulher – supõe-se mãe das crianças – direciona-se para um ponto diferente ao da lente fotográfica, em um tom de desolação, ainda que imperante e sustentado, o olhar da criança maior aguça-se para o sujeito incomum, visto na figura do fotógrafo que se insere em sua casa. Ainda, identifica-se uma cena não usual no que se refere à posição das pessoas retratadas, ao lado de uma geladeira aberta, com prateleiras desocupadas e desprovidas de diversidade alimentar.

Esmiuçando o conteúdo alimentício, identifica-se um galão de água que disputa proporção visual com uma panela, dois potes, uma margarina e uma caixa de leite. Em cada recipiente não é assegurada a existência de componente alimentar, em quantidade ou substância, levando o receptor da imagem à assertiva da existência da fome na família retratada; isto, pois, ainda que aparentemente bem compostos, há o conhecimento da fome oculta, na qual apesar de não se vê-la evidente na estrutura corporal da pessoas, sabe-se que existe, em razão de subnutrição alimentar (CASTRO, 1965).

Conclusão

É essencial demonstrar porque a realidade da fome e da insegurança alimentar estão presentes na fotografia, refletindo sobre algo que vai além da panela na geladeira, cujo conteúdo não sabemos. No Brasil, compulsivamente, nota-se as divisões de classe ao tratar-se da alimentação nutritiva. Pela acessibilidade direcionada aos macro alimentos, carboidratos em sua grande maioria, é fácil alegar que não há fome, pelo menos tratando-se da fome que

mata por inanição. Isso é justificado ao elucidar-se a agenda política nacional, que possui diferentes visões da soberania alimentar.

No lugar de grande exportador de commodities e alimentos básicos, ao mesmo tempo que não produzimos comida e nutrientes voltados a todas as camadas populares, temos arroz, flocão de cuscuz, salsicha, café e cachaça que saciam e mantém nossos trabalhadores funcionando. Vale ressaltar que o entendimento brasileiro dos conceitos de segurança alimentar adicionaram o termo nutricional à expressão, visto a abordagem que Maluf (2007) faz da perspectiva de segurança alinhada à saúde da nutrição.

A alimentação sempre teve um caráter de distinção social, de classes e status, pois os indivíduos se dividem, primordialmente, em seus hábitos alimentares e como/quanto são capazes de consumir - assim, Rosângela e seus filhos, dependendo da venda de chicletes no sinal e de políticas de auxílio governamental, são restritos aos itens mais básicos de uma feira, pouco sensíveis à preocupações de saúde. Trata-se, portanto, da democratização do acesso a alimentos saudáveis, frescos e em quantidade suficiente, das políticas sociais e da renda em uma esfera microeconômica. Maluf (2007) pontua a segurança alimentar e nutricional como objetivo público, estratégico e permanente, em uma concretização de direitos sociais.

Esse direito não deverá comprometer qualquer outro acesso a necessidades essenciais, porém vemos como essa máxima está distante da realidade de tantos brasileiros, incluindo Rosângela. Ao entender que a conjuntura de insegurança alimentar no Brasil é pauta política, compreende-se o motivo das estatísticas desfavoráveis de cerca de 59% da população brasileira estar enfrentando algum grau de insegurança alimentar durante a pandemia, concomitante ao aumento do nível de exportações agrícolas (DE FATO, 2021).

A reivindicação da soberania alimentar é pauta de política pública nacional, que deveria ser indiferente à pauta externa. Todavia, a fotografia nos demonstra a incoerência da agenda pública brasileira, denunciando a perpetuação da fome oculta enquanto permite o desenvolvimento internacional do ciclo do agronegócio em meio aos crescentes indicadores de fome na pandemia de COVID-19.

Mecanicamente, ao definir-se um assunto avistado, faz-se pelo diafragma da câmera a regulação da entrada da luz e, então, o disparo que paralisa um momento, que não mais se perde e agora nos mostra, nos prova e nos suscita. A narrativa proposta pela imagem analisada permite enquadrar a fotografia enquanto documento e instrumento de denúncia, podendo-se enxergar todo o cenário como um confronto, entre o outro e o eu, receptor. Entre o que há, o que sei e o que penso haver. Por meio da imagem de Lalo de Almeida, olha-se para a fome e pergunta-se: o que há? (ASSARÉ).

REFERÊNCIAS

ASSARÉ. Patativa do. **Cabra Da Peste**. Disponível em <https://www.kboing.com.br/patativa-do-assare/cabra-da-peste/>. Acesso em: 30 set. 2021.

BARBALHO, Alexandre Almeida. **Corpos e mentes dilacerados:** o grotesco nas imagens da seca de 1877. Revista de História UFC, Fortaleza, v. 3, n. 6, p. 139-150, 2005

BRASIL. Secretaria Especial do Desenvolvimento Social. **Brasil sai do Mapa da Fome das Nações Unidos, segundo FAO**. Brasília, 2014. Disponível em: http://mds.gov.br/area-de-imprensa/noticias/2014/setembro/brasil-sai-do-mapa-da fome-das-nacoes unidas-segundo-fao. Acesso em: 29 set. 2021.

CASTRO, Josué de. **Geopolítica del Hambre:** Ensayo sobre los problemas de la alimentación y la población del mundo. 1ª Ed revisada. - Remedios de Escalada: De la UNLa - Universidad Nacional de Lanús, 2019.

DA SILVA, João Luiz; DE SÁ, Alcindo José. A Fome no Brasil: do período colonial até 1940. **Revista de Geografia (Recife)**, v. 23, n. 3, p. 43-53, 2009.

DE FATO, Brasil. **Brasil com fome: pandemia e desmonte do Estado agravam drama dos trabalhadores**. 2021. Disponível em: https://www.brasildefato.com.br/2021/08/11/brasil-com-fome-pandemia-e-desmonte do-estado-agra vam-drama-dos-trabalhadores. Acesso em: 01 out. 2021.

GOUVEIA, B. R. **Fotojornalismo:** um olhar além da imagem. III Grão Fino: Semana de Fotografia. Campina Grande, PB, 2020.

LALO DE ALMEIDA. **FOME NA PANDEMIA.** Jardim Papai Noel, 5 abr. 2020. Instagram: @lalodealmeida. Disponível em <https://www.instagram.com/p/B mmo9oHrGX/>. Acesso em: 30 set. 2021.

MCMICHAEL, Philip. **Food regimes and agrarian questions:** Agrarian change and peasant studies. Nova Scotia, Canada: Fernwood Publishing, 2013.

NASCIMENTO, Luciano. **FAO: pandemia levou 118 milhões de pessoas a passar fome em 2020**. Brasília (Agência Brasil), 2021. Disponível em: https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2021-07/fao-pandemia levou-118-milhoe s-de-pessoas-passar-fome-em-2020. Acesso em: 29 set. 2021.

O GLOBO. **No Brasil, 84,9 milhões de pessoas estão com fome ou em insegurança alimentar**. 19 ago. 2021. Disponível em: https://economia.ig.com.br/2021-08-19/fome-inseguranca-alimentar-no-brasil.html. Acesso em: 29 set. 2021.

VASCONCELOS, Francisco de Assis Guedes de. Combate à fome no Brasil: uma análise histórica de Vargas a Lula. **Revista de Nutrição**, v. 18, p. 439-457, 2005.